CARTA CRITICA,

Em que ſe peſa o valor da chamada Parenéſis DE FRANCISCO DE PINA E DE MELLO,

ESCRITA POR

SEGISMUNDO ANTONIO COUTINHO.

AMigo Feliſardo, depois daquelle dia formidavel, em que o todo Poderoſo fes chegar até o fundo das almas a triſte memoria de tantas perdas, eu me rendi aos empenhos da Colera Divina, a dorando a meſma maõ, que a meaçava o golpe: fugi da Cidade para o Campo; retirei-me ſeguindo o tropel de tantos miſeraveis, deixando o lugar das idolatrias mundanas, que tanto tinha liſongeado as minhas

RPJCB

paixoens. Vim parar a eſtas prayas da Arrabida, aonde o todo Poderoſo falla continua-mente ao fundo do meu coraçaõ pelas bocas de tantos eſpiritos Religioſos, que habitaõ eſta montanha, os quaes á viſta das eſtrellas tributaõ de noute louvores ao Deos grande; e á face das flores eſpalhaõ de dia por toda eſta eſtancia innocente applauſos ao ſeu Creador. A eſte ſitio proprio para deſterrar da memoria as vaidoſas lembranças do tempo paſſado chegou a voſſa carta eſcrita de Coimbra. A' amigo, ſe algum dia fui companheiro nos voſſos caprichos, deixai-me agora viver hũa vida mais ſeria; no trato mundano encontra inimigos o eſpirito, e no retiro ſó topa ſocegos a conſciencia. Vós proteſtais que naõ quereis pôr impedimentos á minha reſoluçaõ ſaudavel; dizeis que hum Criterio prudente pouco ſe a faſta de huma virtude Chriſtaã; que a qualidade mais brilhante de huma alma grande he chegar ao conhecimento da verdade; que ſeparar o falſo do verdadeiro, e fazer manifeſto o que he proprio de hum appetite delicado, ou groſſeiro he empreſa de hum eſpirito, que ſe fas util ao bem commum da Républica. Naõ eſtais vós conhecendo lá dentro de vós meſmo, que neſte atractivo dais materia, em que ſe nutra quaſi inſenſivel-mente o amor proprio? Eu naõ tenho talento para peſar ás obras deſſe Herôe, que no mundo literario caminha de hum até outro pôlo ſem ter quem lhe diſpute os paſſos; tem gerado hum aſcendente livre, as muſas lhes deraõ entrada para o Parnaſo; da-

qui

qui passou á Grecia, aonde aprendeu a eloquencia dos Demosthenes, foi à antigua Roma, e bebeu o estillo dos Ciceros; abriu os livros sagrados, e ficou conhecendo todas as verdades do moral Christaõ. As obras deste espirito grande já levaõ o credito na sua fama; soube formar hũa cabala para se introduzir nos animos dos eruditos. Quereis q̃ eu ponha o peito às balas sem esperanças da victoria? Quereis sacrificar hum pobre Anacoreta ao empenho de puxar a espada contra tantos milhares de apaixonados? Para sahir a campo apresentais-me huma Paranésis feita ao Terremoto. Eu me deixo convencer, que o Criterio apura a verdade sem offensa do proximo; eu me faço Frances da moderna, e entro a pesar a dita obra. Primeiramente reparo no máo gosto do Author: faz huma obra na lingua Portugueza, e poem o titulo da obra em Latim? Se elle fizesse huma obra em Verso Latino, e pusesse o titulo da obra em Portuguez, seria agradavel aos homens doutos? Reparo, que o ser esta obra em Portuguez, naõ tem mais privilegios para podêr levar o titulo em Latim. A palavra Parenésis he Latina, e a obra he na lingua Portugueza. Isto lá me tras à memoria o infeliz invento de certo Poeta, que mandou abrir no monumento de sua molher huma inscripsaõ, em que o nome da molher estava escrito em Grego, o mais em latim, e o anno da morte em Hebraico. Os titulos das obras em qualquer lingua devem metter logo aos olhos huma idea clara do Caracter da tal obra; o que

naõ acontece ſe as obras ſaõ Portuguezas, e os titulos em latim; porque a maior parte dos homens ignora a lingua Latina. Eu bem podia aqui dizer o que dizem os Francezes das obras, que tem eſtes frontespicios: iſto he *pedanterie*; naõ digaõ que eu pratico o meſmo, que eſtou condenando; eu me deſdigo; iſto vale o meſmo que puerilidade na noſſa lingua. Porém ſe o Auctor quer fazer a dita palavra *Latino-Portugueza*, moſtre-nos a Auctoridade, que tem para iſſo; eu cuido que ſó huma ſociedade de homens Academicos attendendo á falta de palavras para explicar as acçoens, as podem adoptar, tendo ſempre quanto for poſſivel á ſua viſta a boa derivaçaõ. Tambem julgo impropriedade o fazer obra em verſo. Aqui me lembro do que dis hum Francez traduzindo de Italiano para a ſua lingua os Tragidoperas do Abbade Metaſtazio, repara em que no theatro ſe introduza hum homem inteira-mente poſſuido de colera fazendo verſos, e cantando; que hum homem, que fas a figura de outro, que vai caminhando para o lugar da morte, cante, e faça verſos; iſto naõ he repreſentar ao natural; nenhum homem furioſo canta, nem fas verſos, hum homem, que vai caminhando para o Cadafalſo, naõ canta, nem fas verſos. Os homens cheios de pavor com o terremoto, tenhaõ deſpertadores, que lhes tragaõ ás ſuas memorias as deſordens da vida paſſada, os encantos da vaidade mundana, e a fragilidade dos bens do mundo; mas a doçura dos verſos naõ he taõ propria para

eſtas

eſtas inſtrucçoens: para mover os homens he mais proprio hum Orador, do que hum Poeta: as doçuras de Virgilio naõ paſſáraõ tantas vezes dos ouvidos ao coraçaõ; as oraçoens de Cicero quaſi ſempre convenceraõ os Romanos, e trouxeraõ as reſoluçoens do ſenado ao ſeu ſentimento. Seja no genero demonſtrativo, ſeja no deliberativo, ſeja no judiciario, nunca os verſos fizeraõ taõ boa fortuna para mover as paixoens dos homens: Se hum Embaixador quizeſſe deliberar hum Monarcha aos empenhos da ſua Corte, e para iſto fizeſſe huma obra em verſo, teria trabalho ſem fruto, e ſeria reputado por erudito de máo goſto. Se hum letrado quizeſſe mover os animos dos Miniſtros a favor da ſua cauſa, e propuzeſſe as ſuas raſoens em verſo, ficariaõ os ouvidos com a ſuavidade, e os Miniſtros ſem abalo. Ora o intento de admoeſtar os homens ao bem da ſua ſalvaçaõ, e á obſervancia de huma vida Chriſtaã ainda he mais ſerio; neceſſita de huma obra mais propria, para eſte fim, o que naõ ſe encontra nos verſos. Eu bem ſei, que a força da raſaõ ajudada da conſonancia do Verſo,ſaõ duas baterias, que podem render o Coraçaõ; mas rara-mente ſe reunem no verſo eſtas duas qualidades. Huma raſaõ forte para melhor perſuadir ha de ter hum diſcurſo livre, e ſem medidas, que lhe taixe as expreſſoens: Quando o Poeta quer attender á mediçaõ, e ſuavidade do verſo commum-mente ſe acha ſem termos proprios, para propôr a raſaõ natural-mente com toda a ſua força. Algu-

mas vezes tem os verſos movido as paixoens; Princepes tem havido, que a muitas petiçoens em verſo conferiraõ deſpachos favoraveis; eu me repreſento, que isto ſó foi querer premiar o engenho. Logo no principio da Parenéſis fas huma traducçaõ pouco fiel de huma paſſagem do texto do Eccleſiaſtes Cap. 1. v. 4. o texto diz: *huma geraçaõ paſſa, e outra geraçaõ vem*; mas naõ diz na quella paſſagem, que elle cita, que a vangloria das geraçoens he tranſitoria, como elle traduz. Naõ poſſo paſſar em ſilencio a pouca pureza da noſſa lingua, que apparece na dita obra: a palavra *deſcende*, tomada por deſcer, e abaixar naõ he da lingua Portugueza; ſó he recebida na noſſa lingua tomada pela Origem, donde ſe recebe o ſer, como quando ſe diz: Pedro deſcende de tal, ou tal tronco. Tras eſte verſo: *Queres que ſeja hum horrido conato. Conato* naõ he palavra Portugueza; eu nunca a encontrei nos noſſos diccionarios, nem hum homem Academico a devia pôr nas ſuas obras Portuguezas; mas o furor poetico entende que tudo lhe he licito. Lisboa, e Santarem apparecem ali em hum Verſo pintadas à moda deſta ſorte: *Ulyſſipo, e Scalabio outra Carthago.* Buſque os Diccionarios, e naõ achará que eſtas palavras ſaõ Portuguezas. Eſta ſerá a eloquencia de bom goſto? Faz huma obra na lingua Portugueza, e vai pedir os veſtidos empreſtados à Latina? Iſto he pôr huma dama Portugueza a paſſear no Campo, por-lhe gravata à Portugueza, e

cha-

chapeu à Irlandeza. Algum dia ouvia dizer a minha Avô, quando naõ queria ſofrer-me algumas palavras: pódes dizer o que quizeres; tens liberdade de Poeta. A liberdade do Poeta ſó póde introduzir huma palavra nova, quando naõ tiver palavra da ſua lingua, que explique o ſeu penſamento. Neſte ſentido he que ſe deve entender Horacio naquella paſſagem, em que dá eſta liberdade. Porém *deſcende*, tem deſcer, abaixar, &c. *Conato*, tem pertençaõ, força, trabalho. *Ulyſſipo* tem Lisboa; *Scalabio* tem a palavra Santarem. Naõ poſſo diſpenſa-lo de hum Pleonaſmo neſte Verſo: *Sepulto tanta barbara ignorancia*, a palavra barbara diz couſa ſem letras, que vale o meſmo que ignorante, e poriſſo ajuntar ignorancia a barbara he fazer hum Pleonaſmo; aſſim como ſe algum diſſer eſtas palavras *o commum do Povo*, comette o meſmo vicio, como diz o P. Lamy na ſua Arte de fallar Livro ſegundo Capitulo nove. Tambem falta à propria applicaçaõ de termos: diz em huma parte: *precipitaõ-ſe os barbaros rochedos*; naõ entendo como poſſa dizer-ſe com propriedade dos rochedos, que ſaõ barbaros; eſta palavra barbaros antiga-mente ſe applicava às Naçoens, que naõ tinhaõ cultura de ſociedade Civil, das Artes, e das Sciencias; aſſim applicou S. Paulo eſte termo aos Romanos, quando diſſe: ſou obrigado aos Gregos, e aos Barbaros: tambem ſe applica àquellas Naçoens, q̃ naõ profeſſaõ as Leys do Evangelho; mas hum rochedo ſer barbaro couſa he, que naõ percebo. Em ou-

tra

tra parte diz: *o inchado hoſpicio*, ſe inchado ſe tomar na ſua propria ſignificaçaõ, fica ſendo termo improprio; ſe vale ali o meſmo que ſoberbo, milhor fora applicar o termo à grandeza dos Palacios, do que à pobreza, e humildade dos Hoſpicios. Fas huma Proſopopeia introduzindo a falar o inſenſivel dos montes, e campos pelas bocas, que nelles abriu o Terremoto; as Tiaras, e os Sceptros, as Mitras, e os Cajados, os Sacerdotes, e os Seculares, os Ricos, e os Pobres ſaõ o alvo, a que ſe encaminhaõ as vozes do deſengano. Aqui falta elle à decencia, e gravidade de falar. Tenha paciencia, eſtes Francezes da moda ſaõ muito impertinentes, naõ pódem engolir bocados groſſeiros; tudo para elles hade ſer delicado. Na decencia da Oratoria, e tambem da Poezia tem trabalhado grandes homens; ella he o eſpirito da eloquencia. Já que ſabe a lingua Franceza, veja os termos, de que uſaõ os mayores Meſtres da dita lingua nas ſuas cõpoſiçoens, e o q̃ dizem ſobre eſta materia. Naõ chegaõ a perguntar aos Sacerdotes, e Miniſtros ſe as ſuas vozes fazem ecco no ſeu louco penſamento. Deſte termo groſſeiro faz uſo o tal Poeta, quando diz, *vê lá, ò Sacerdote, ò mendicante, ò Clauſtral, ò Miniſtro, ò tu que aſpiras àquelle meſmo enleyo, emque deliras, ſe accaſo em taõ terrivel, rudo accento, faz ecco no teu louco penſamento?* Eſte louco penſamento ſó podia caber em Verſos burleſcos, ou ſatyricos; mas em huma chamada Paranéſis, ou fallando em milhor Portuguez, em hũa admoeſtaçaõ ſeria à Naçaõ

Portu-

Portugueza,devia o Author reveſtir a ſua obra de termos graves, e modeſtos, principalmente falando com peſſoas graves, como ſaõ os Sacerdotes, e Miniſtros.Mais abaixo poem à face de todos os Leitores a vangloria dos Biſpos de Portugal, dizendo: *Biſpo, que julgas que o Biſpado eſtende mais a tua vangloria.* Com peſſoas de hum Caracter Sagrado naõ ſe fala com expreſſoens ſem attençaõ, e decencia; bem podia fallar na vaidade ſem uſar daquella palavra; procuraſſe huma circumlocuçaõ; mas quando quizeſſe uſar della, havia de pôr em pratica a figura chamada Reticencia na lingua Latina, e na noſſa naõ tem nome particular; eſta figura he bella em ſemelhantes occaſioens. Póde o Orador, ou Poeta chegar ao fundo das almas, ſem ferir o reſpeito de hum Caracter Sagrado; póde a verdade chegar ao coraçaõ, ſem macular o trono da honra, e dignidade. Ora elle tras cinco Verſos, a que eu naõ pude dar bom ſentido; ſaõ eſtes.

Deſſe Emporio do mundo, onde o Tridente
Arvorava Neptuno, e todo o Oriente
A America, e as Provincias mais remotas
Davaõ theſouros em continuas frotas,
Naõ ha mais que huma miſera lembrança.

Eu naõ poſſo perceber que emporio do mundo he eſte aonde Neptuno arvorava o ſeu Tridente: ſe por Emporio do mundo entende o Author a Cidade de Lisboa, eu

eu o naõ poſſo perceber da tal Gramatica, à qual naõ acho pés, nem cabeça. Se he a Cidade da Bahia, eſta naõ he o Emporio do mundo; ſó ſe póde chamar Emporio da America Portugueza; Emporio do mundo he aonde comerceaõ muitas Naçoens, e na Bahia ſó negoceaõ os Portuguezes. Agora me lembro mais de outro erro; ſe eſte Emporio he a Cidade da Bahia, ou Lisboa, quem deu licença a Neptuno para arvorar o ſeu Tridente fora do ſeu deſtrito? Eu ſempre ouvi dizer que o ſeu imperio naõ paſſa dos mares. Eſſa divindade, q̃ tẽ na terra o ſeu Imperio, póde dar huma força contra o Poeta. Agora ſe elle por Emporio do mundo entende o mar, ahi a temos nós travada, já naõ póde haver frótas; eſſe Emporio eſtá deſtruido; já naõ ha delle mais que huma miſera lembrança, como diz o Poeta. Elle nos affirma que o terremoto deſtruhio inteiramente ſeja a Cidade da Bahia, de Lisboa, ou America Portugueza. Eſcreveo ſem peſar a noticia, e ſem attender a hum Criterio politico. A noticia ou veio antes de dous mezes, ou paſſados elles? ſe veio antes, devia julgar, como prudente, que naõ cabia no tempo, e poriſſo era duvidoſa, e naõ devia manifeſtá-la ao publico. Se veio paſſados dous mezes, devia fazer a contemplaçaõ politica que o Governador, viſto naõ mandar a tal noticia por navio de aviſo da deſtruiçaõ daquelles eſtados, naõ podia ſer verdadeira, porque ao Governador daquelles eſtados eſtava anexa a obrigaçaõ de aviſar ao noſſo Fideliſſimo Monarcha, para

dar

dar huma providencia conveniente, como erà ſuſpender as frótas, mandar nellas inſtrumentos de reedificaçaõ, provimentos de boca, e gente para povoar; e vendo que naõ havia tal aviſo, naõ eſcreveo como politico. Se fala da Cidade de Lisboa errou em dizer que ficou inteiramente deſtruida. He infelicidade que em cinco regras ſe encontrem tantos erros. Ora amigo Feliſardo, eu me volto ao ſerio da minha vida, Deos vos tomará conta deſta minha diſtracçaõ. Elle vos guarde, como pedem os meus votos. Arrabida, &c.

EM COIMBRA: 1755

Com todas as licenças neceſſarias.

17-136
.C756
M294c